

Uma população à procura de equilíbrio. O Baixo Minho no Antigo Regime

MARIA NORBERTA AMORIM

As características da investigação em Demografia Histórica, de estreito campo de observação, não obedecendo, em regra, a uma planificação baseada em critérios científicos, condiciona a construção de modelos de comportamento baseados em estudos escassos e geograficamente mal repartidos.

Quando em 1971 apresentei na Faculdade de Letras da Universidade do Porto o primeiro trabalho de análise de variáveis microdemográficas para o Antigo Regime português, permitia-me supor que Rebordãos¹, pequena vila do Nordeste Transmontano, poderia representar comportamentos de uma zona bem mais vasta.

Hoje, passadas quase três décadas, tendo trabalhado mais de duas dezenas de paróquias e orientado trabalhos sobre outras tantas, com repartição geográfica que tentamos alargar², tenho já clara consciência das profundas diferenças regionais e de contrastes acentuados em zonas próximas, como acontece entre o noroeste e o nordeste do país.

-
1. *Rebordãos e a sua população nos séculos XVII e XVIII. Estudo demográfico*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
 2. Ver MARIA NORBERTA AMORIM (coord.), *Informatização Normalizada de Arquivos. Reconstituição de Paróquias e História das Populações. Um projecto interdisciplinar*, Universidade do Minho, 1995.

Embora possamos já hoje perspectivar, para o período de Antigo Regime, a evolução de populações do Centro, do Sul e até das Ilhas, é sobre o Baixo Minho onde a investigação em Demografia Histórica adquire maior expressão em Portugal. Começando pela zona urbana de Guimarães e seu enquadramento rural, alarga-se a outras paróquias rurais do concelho, atinge Fafe e Terras de Basto, passa pelo concelho de Braga na direcção de Vila Verde ou na direcção dos concelhos de Barcelos ou Esposende.

Os trabalhos já concluídos permitem-nos traçar um quadro evolutivo comum para a zona, não isento de diferenças na interacção das variáveis em algumas sub-regiões.

Em série agregada, podemos acompanhar a evolução dos baptismos, de 1600 a 1819, de paróquias do Baixo Minho, comparativamente à evolução de duas paróquias de zonas distintas — S. Pedro de Poiares, do concelho de Freixo de Espada à Cinta e Couto do Mosteiro, de Santa Comba Dão (GRÁFICO I)³.

O crescimento sustentado das populações do Baixo Minho, ultrapassadas as hesitações de crescimento das primeiras décadas do século XVII, não encontram paralelo nas outras duas paróquias observadas. Reparemos que no século XVIII, depois de um crescimento acelerado, seguido de queda rápida, na segunda metade do século anterior, tanto a paróquia transmontana, como a do Centro, mantêm uma relativa estabilidade, só quebrada na transição para o século XIX. A dissemelhança de comportamento levanta à partida algumas hipóteses que só a análise das variáveis demográficas pode confirmar. Podemos aceitar, para o Baixo Minho, a influência dominante de uma mortalidade menos gravosa, mas podemos também pensar que se colhe o efeito de um controlo social menos apertado no que respeita aos comportamentos reprodutivos ou admitir a conjugação dos dois factores.

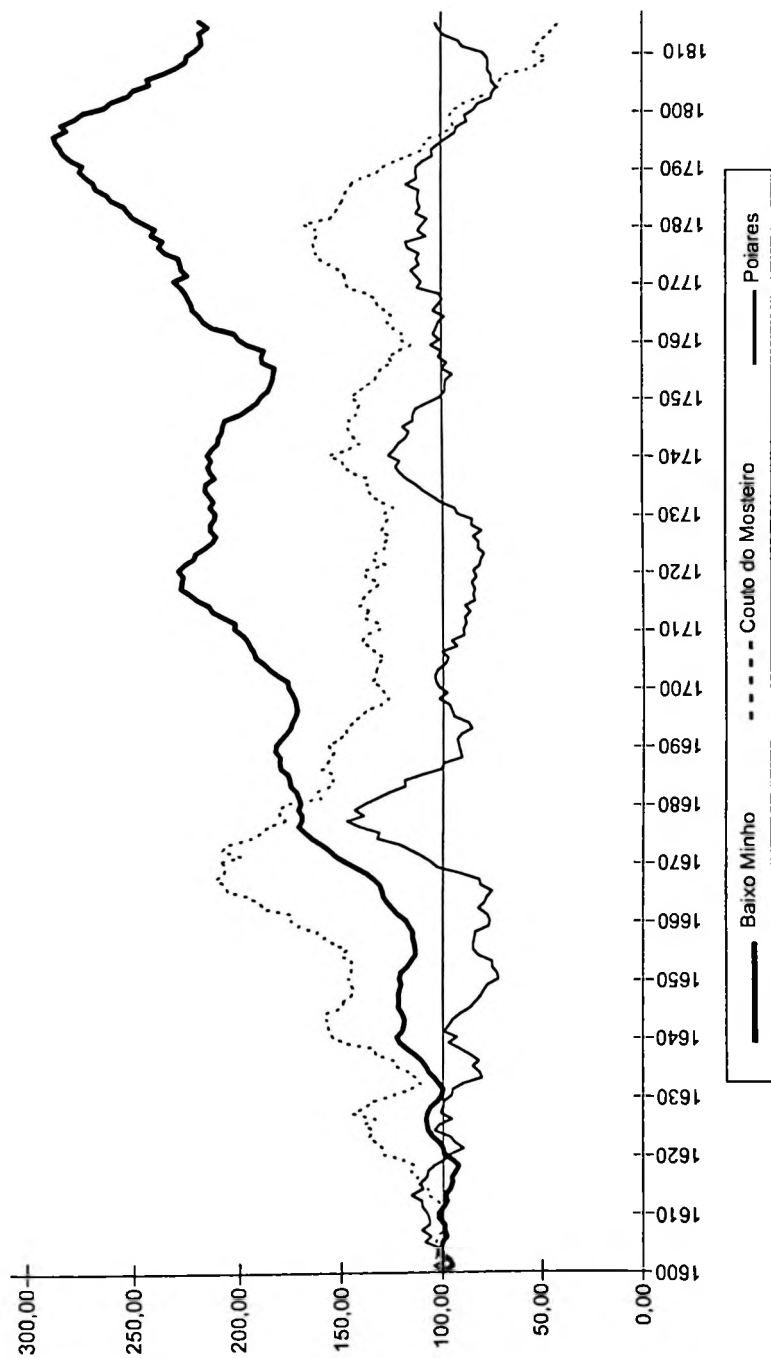
Mortalidade menos gravosa, certamente. As graves crises de mortalidade parecem estar ausentes da região durante os séculos XVII e XVIII. No caso de Guimarães, em que estudei a evolução de quatro paróquias urbanas, quatro rurais e duas de transição, entre 1580 e 1819⁴, verifiquei

3. Agradece-se aos membros do NEPS (Núcleo de Estudos de População e Sociedade da Universidade do Minho) a disponibilização dos dados inéditos.

4. MARIA NORBERTA AMORIM, *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo demográfico*, Lisboa, INIC, 1987.

MOVIMENTO DE BAPTIZADOS

Índices (1600 = 100)



que as duas maiores crises de mortalidade adulta se situaram, respectivamente, nos finais do século XVI e nos princípios do XIX. A primeira, a chamada *peste pequena*, atingiu gravemente a zona urbana de Guimarães em 1599, e a segunda, uma epidemia de tifo que se seguiu à segunda invasão francesa, veio a localizar-se em 1811. Na ausência de outros freios, as epidemias dos séculos XVII e XVIII não seriam de molde a suster o crescimento natural da população. Resultados semelhantes vão sendo obtidos pelos diferentes investigadores que estudam outras paróquias do Minho⁵.

Se a mortalidade de crise não parece ter afectado gravemente as populações minhotas de Antigo Regime, a mortalidade chamada *normal* posiciona-se igualmente abaixo dos níveis admitidos para a época.

Embora, para a grande maioria das paróquias do Baixo Minho, não tenhamos possibilidade de calcular empiricamente a esperança de vida à nascença em período de Antigo Regime, por sub-registo dos óbitos das crianças menores de sete anos, em alguns casos felizes dispomos dessa informação. Inês Faria, para Barcelinhos, subúrbios de Barcelos, calculou uma esperança de vida à nascença de 42 anos, com um quociente de mortalidade infantil abaixo dos 150 por mil. Maria Manuela Silva, para Santa Maria de Aveleda, nos arredores de Braga, para gerações mais tardias, nascidas entre 1710 e 1799, encontrou uma esperança de vida à

-
5. Vejam-se, entre outros, os trabalhos de FERNANDO ANTÓNIO DA SILVA MIRANDA, *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro e Anexa (1567-1898)*, Junta de Freguesia de Alvito S. Pedro-Barcelos, 1993; de M. MARTA LOBO, *O Pico de Regalados e a sua população, 1554-1879*, tese de mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1992; de INÊS MARTINS DE FARIA, *Santo André de Barcelinhos: o difícil equilíbrio de uma população (1606-1910)*, dissertação de mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997; de MARIA MANUELA TEIXEIRA FERREIRA DA SILVA, *Comportamentos demográficos de uma paróquia do concelho de Braga. Santa Maria de Aveleda (1580-1993)*, dissertação de mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997; de MARIA HERMÍNIA VIEIRA BARBOSA e ALBERTO JOSÉ DA CUNHA OLIVEIRA, «Reconstituição de Paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade», *Actas do II Congresso Histórico de Guimarães*, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1997, vol 7, p. 258; de JOSÉ ADRIANO SOARES GUERRA JANEIRO, *Gerações sacrificadas. A população e a Sociedade de S. Tiago de Lordelo (séculos XVII a XX)*, dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997, p. 129; de ELZA MARIA GONÇALVES RODRIGUES DE CARVALHO, «A Fecundidade Legítima em duas comunidades do Minho Interior, século XVII-século XX», in MARIA NORBERTA AMORIM (org.), *Microanálise de larga duração, IV Congresso da ADEH*, Bilbao, 1995; de MARTA LOBO e FERNANDO MIRANDA, «Evolução da fecundidade em duas paróquias minhotas — Uma perspectiva comparada», in DAVID REHER (coord), *Reconstituição de famílias e outros métodos microanalíticos para a História das Populações. Estado actual e perspectivas para o futuro, Actas do III Congresso da ADEH*, Braga-Guimarães, Edições Afrontamento, 1995, p. 67.

nascença a aproximar-se dos 41 anos, com quocientes de mortalidade infantil da ordem dos 160 por mil. Maria Hermínia Barbosa havia calculado para Esporões, também nos arredores de Braga, quocientes de mortalidade infantil para o século XVII (1590-1719) a ziguezaguear em torno dos 138 por mil⁶. Reparemos que as médias ponderadas dos quocientes de mortalidade infantil, anteriores a 1750, em algumas dezenas de paróquias inglesas e francesas atingiram, respectivamente, os 187 em mil e os 252 em mil⁷ e que a esperança de vida ao nascer na década de 1750 se colocava em Inglaterra à volta dos 37 anos e em França à volta dos 28 anos⁸.

Nas outras paróquias do Baixo Minho, para as quais não dispomos de registo sistemático de mortalidade infanto-juvenil, o cálculo da esperança de vida dos indivíduos casados, aos 25 anos e mais, permite-nos admitir a suavidade da morte em toda a zona.

É o caso de Ronfe ou de Santa Tecla de Basto, cujos comportamentos comparamos com os das paróquia de S. Pedro de Poiares e do Couto do Mosteiro (QUADRO I).

Como se verifica, aos 25 anos, os homens casados, se residentes em Ronfe, poderiam esperar viver mais dez anos do que os residentes em S. Pedro de Poiares e mais quatro anos do que os residentes no Couto do Mosteiro. No caso das mulheres a situação não seria tão favorável. As mulheres de Ronfe, ao contrário do que acontecia nas outras duas populações analisadas, viviam menos do que os seus maridos, situação já verificada na zona rural de Guimarães⁹. As mulheres das paróquias de Fermentões, Urgeses, Costa e Mesão Frio, enquadramento rural de Guimarães, ao chegar aos 25 anos, esperavam viver cerca de três anos menos do que os homens, só se reduzindo a diferença de perspectiva de sobrevivência a partir dos 40 anos. Admito que as mulheres do Baixo Minho teriam uma vida mais difícil do que a dos seus companheiros, que se saberiam *proteger* na sua condição de homens, chefes de família, com trabalho definido, enquanto elas, em situação de inferioridade doméstica, teriam de repartir o seu dia pelo campo, pelos trabalhos da casa e pelos cuidados com os filhos, estando sujeitas ainda aos acidentes da maternidade.

6. MARIA HERMÍNIA VIEIRA BARBOSA e ALBERTO JOSÉ DA CUNHA OLIVEIRA, *ob. cit.* p. 258.

7. MICHAEL W. FLINN, *El sistema demográfico europeo, 1500-1820*, Barcelona, Editorial Crítica, 1989, p.p. 184-188.

8. MASSIMO LIVI-BACCI, *Ensayo sobre la historia demográfica europea. Población y alimentación en Europa*, Barcelona, Ariel, 1987, p.114.

9. MARIA NORBERTA AMORIM, *Guimarães ...*, *ob. cit.* p. 340.

QUADRO I

Esperança de vida.
Comparação entre Poiares (1), Ronfe (1), Couto do Mosteiro (2)

Anos	Poiares *			Ronfe *			Santa Tecla	Couto do Mosteiro *		
	M	F	MF	M	F	MF	MF	M	F	MF
25	30	31	30	40	38	39	40	36	37	37
30	26	27	27	35	33	35	33	32	32	32
35	22	24	23	31	30	31	32	28	28	28
40	19	21	20	27	26	26	28	24	25	25
45	16	18	17	24	23	23	24	20	22	21
50	14	15	15	20	19	20	21	17	18	18
55	11	12	12	16	15	16	17	14	15	15
60	9	9	9	13	12	12	14	11	13	12
65	8	7	7	10	8	10	11	9	10	9
70	6	5	5	7	7	7	9	6	8	7
75	4	3	3	5	5	5	7	5	6	6
80	4	2	3	4	4	4	5	4	5	4

(1) Gerações nascidas entre 1700 e 1789

(2) Gerações nascidas entre 1680 e 1759

* Esperança de vida de indivíduos casados¹⁰

Reparemos ainda que em Santa Tecla de Basto, pese embora o menor volume de informação, a sobrevivência em idades adultas parece mais favorável ainda do que em Ronfe.

É difícil interpretar as diferenças da variável mortalidade no Nordeste e no Noroeste de um pequeno país como Portugal. Sobre a paróquia de S. Mateus, no Sul da Ilha do Pico, nos Açores, a esperança de vida à nascença de 49 anos, para as gerações nascidas entre 1740 e 1799, havia causado já alguma estranheza. Na altura procurei uma explicação para a suavidade da morte na Ilha do Pico na amenidade do clima, no isolamento das epidemias, na alimentação diversificada, de cereais, de leite e

10. Ver de LOUIS HENRY *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, Lisboa, Gradiva, p. 175.

seus derivados, de peixe, de carne (pouca), de frutas e de vinho¹¹. Não sendo o Baixo Minho uma zona isolada, mas particularmente aberta ao trânsito de gentes, em contraste com o Nordeste Transmontano, de isolamento marcado, somos levados a incidir agora a tónica explicativa mais na suavidade do clima ou na diversidade alimentar (a renda da *quinta* minhota paga-se tradicionalmente em milho, feijão e vinho, com acesso do senhorio aos frutos das árvores).

Não era só uma mortalidade suave que poderia condicionar o incremento relativo da população no Baixo Minho. Também uma fecundidade mais favorável poderia contribuir para esse resultado.

Usando como indicador a descendência teórica (20 aos 44 anos)¹², e começando por comparar o Baixo Minho com outras zonas do país, não encontramos diferenças significativas, se excluirmos o caso do concelho de Guimarães. Descendências entre os 7 e os 8 filhos, para as mulheres que tivessem a oportunidade de permanecer em convivência conjugal entre os 20 e os 44 anos. Uma situação paralela vivia-se então em Inglaterra, distinguindo-se do caso francês.

Parece, no entanto, poder admitir-se uma sub-região na zona de Guimarães. Aí, tal como em França, encontramos, nas mesmas condições, descendências teóricas bem acima dos 8 filhos por família.

O prolongamento de bons níveis de capacidade reprodutiva, para além dos 35 anos de idade, parece ser uma característica da mulher minhota, verificada não só em Guimarães, mas também nas outras zonas estudadas do Baixo Minho, mesmo comparativamente ao caso francês. A idade média da mãe ao nascimento do último filho reflecte essa situação.

Pela observação do QUADRO III notamos que as idades médias ao nascimento do último filho, em mulheres que ultrapassaram em convivência conjugal o seu período fecundo, em famílias completas¹³ se superioriza sempre aos 40 anos, exceptuando o caso de Poiares de Freixo que se posiciona nos 39,7. Idades particularmente altas as das paróquias de Santa Tecla e Carvalho, do concelho de Celorico de Basto, duas paróquias contíguas estudadas em conjunto por Elza Carvalho.

11. GILBERTA ROCHA ao estudar a *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991, dá conta da mais alta esperança de vida dos picoenses, comparativamente aos outros açorianos.

12. Número de filhos por família nas condições encontradas de fecundidade.

13. Famílias em unidade conjugal após os 48 anos de idade da mulher.

QUADRO II

Taxas de fecundidade legítima e descendência teórica (DT= 20-44 anos)

Todas as idades da mulher. 1000 mulheres

Paróquia	(Obs)	Grupos de Idades							DT
		15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
Guimarães									
Zona Rural (1620-1739)	(136)	309	449	425	423	338	197	18	9,2
(1740-1814)	(198)	348	502	428	397	335	179	24	9,2
Ronfe (1700-1799)	(172)	357	396	414	367	301	168	24	8,2
Lordelo (1640-1739)	(59)	286	400	403	382	286	200	22	8,4
Celorico de Basto									
Carvalho/Tecla (1600-1739)	(181)	226	337	353	313	258	176	21	7,2
(1740-1849)	(383)	309	386	379	334	297	164	35	7,8
Braga/Vila Verde/Barcelos									
Pico/Alvito (1710-1799)	(121)	231	373	314	322	290	147	27	7,2
Barcelinhos (1660-1859)	(240)	427	389	372	350	285	161	23	7,8
Aveleda (1690-1739)	(38)	—	360	403	390	306	156	17	8,1
(1740-1789)	(71)	—	269	326	272	270	130	9	6,3
Trás-os-Montes (Freixo)									
Poiares (1700-1799)	(348)	308	406	412	345	286	121	10	7,9
Beiras (Viseu)									
Couto do Mosteiro (1700-1799)	(375)	330	389	354	329	260	152	18	7,4
França¹⁴									
Média ponderada (anterior a 1750)	—	450	412	400	279	103	—	8,2	—
(1740-1790)	—	—	496	459	400	309	148	—	9,1
Inglaterra¹⁵									
Média ponderada (anterior a 1750)	—	414	392	332	240	140	—	7,6	—
(1740-1790)	—	—	437	393	301	239	164	—	7,7

14. MICHAEL W. FLINN, *ob. cit.*, pp. 151-152.15. *Ibidem*, pp. 154-155.

QUADRO III

Idade média da mãe ao nascimento do último filho

Paróquia	(Obs)	Idade Média
Guimarães		
Zona Rural (1620-1739)	(110)	41,0
(1740-1814)	(153)	41,0
Ronfe (1700-1799)	(115)	40,4
Lordelo (1640-1739)	(37)	40,8
Celorico de Basto		
Carvalho/Tecla (1600-1739)	(118)	41,7
(1740-1849)	(281)	41,5
Braga/Vila Verde/Barcelos		
Pico/Alvito (1710-1799)	(69)	40,7
Barcelinhos (1660-1749)	(48)	40,6
(1750-1859)	(57)	40,8
Trás-os-Montes (Freixo)		
Poiares (1700-1799)	(140)	39,7
Beiras (Viseu)		
Couto do Mosteiro (1700-1799)	(220)	40,4

A idade mais precoce à última maternidade em S. Pedro de Poiares pode ser condicionada pela anterioridade ao primeiro casamento feminino, observação de faremos depois.

Ter filhos depois dos 40 anos era uma situação corrente no Antigo Regime, ideia que perturba as mulheres de hoje, convencidas do risco de conceber um filho depois dos 35 anos.

A capacidade de gerar filhos até idades avançadas, nem sempre poderia ser aproveitada, na medida em que a morte poderia condicionar a ruptura precoce das uniões, reduzindo o número de filhos por família. A influência da mortalidade suave no Baixo Minho reflecte-se claramente na duração das uniões, mesmo sem isolar o fenómeno da nupcialidade, como se poderá verificar no QUADRO IV.

QUADRO IV

Duração das uniões em anos
(em anos)

Paróquia		Duração das uniões
Guimarães		
Ronfe	(1700-1799)	27,7
Celorico de Basto		
Carvalho/Tecla	(1600-1739)	27,5
	(1740-1849)	28,6
Barcelos		
Alvito	(antes de 1750)	26,9
Barcelinhos	(1660-1749)	24,1
	(1750-1859)	24,7
Trás-os-Montes (Freixo)		
Poiares	(1700-1799)	17,7
Beiras (Viseu)		
Couto do Mosteiro	(1700-1799)	23,5

Repare-se que, exceptuando o caso de Barcelinhos, em todas as paróquias observadas do Baixo Minho, os casais ultrapassavam, em média, as suas bodas de prata. Nas paróquias de Carvalho e Santa Tecla de Basto, os casais viviam em unidade conjugal mais dez anos do que em S. Pedro de Poiares. A situação mais favorável do Couto do Mosteiro, relativamente à paróquia transmontana, posiciona-se, mesmo assim, abaixo de qualquer caso observado no Baixo Minho.

Efeitos das variáveis mortalidade e fecundidade (ainda sem isolar a variável nupcialidade) no número de filhos que as famílias tiveram efectivamente poderão observar-se no QUADRO V.

QUADRO V

Número de filhos por união
(descendência efectiva)

Paróquia		(Obs)	Número médio de filhos
Guimarães			
Zona Rural	(antes de 1770)	(424)	4,6
Ronfe	(1700-1799)	(172)	5,0
Lordelo	(1640-1739)	(143)	4,6
Celorico de Basto			
Carvalho/Tecla	(1600-1739)	(299)	4,6
	(1740-1849)	(467)	4,9
Braga/Vila Verde/Barcelos			
Pico/Alvito	(1710-1799)	(121)	3,7
Barcelinhos	(1660-1749)	(197)	4,0
	(1750-1859)	(155)	3,7
Trás-os-Montes (Freixo)			
Poiares	(1700-1799)	(348)	4,1
Beiras (Viseu)			
Couto do Mosteiro	(1700-1799)	(375)	3,7

Os efeitos da mortalidade suave não serão decisivos para aumentar a descendência. Reparemos que o número de filhos por família nos casos estudados de Braga, Vila Verde ou Barcelos, 3,7 filhos a 4,0, se aparentam aos resultados encontrados para o Couto do Mosteiro (3,7) e se posicionam mesmo abaixo dos 4,1 de S. Pedro de Poiares.

Numa sub-região que parece definir-se na zona de Guimarães e atingir as Terras de Basto a média de filhos por família aproxima-se de cinco. Encontrámos taxas de fecundidade mais elevadas em Guimarães, uma idade média ao nascimento do último filho mais alongada em Basto, mas não sabemos se os maiores níveis de descendência se relacionam com um início mais precoce das uniões, ou mesmo com uma maior permanência

no lar dos homens casados, não afectados pela mobilidade sazonal ou periódica.

Como se verifica pelo QUADRO VI, no Baixo Minho rural, são bastante elevadas as idades médias ao primeiro casamento, tanto no sexo masculino, como no feminino, restringindo à partida o período de convivência conjugal. No entanto, se exceptuarmos o caso de Barcelinhos, uma zona suburbana, as idades médias ao primeiro casamento feminino são algo menos elevadas em Guimarães-Fafe-Basto do que nas paróquias estudadas de Braga, Barcelos ou Esposende.

Idades ao primeiro casamento feminino à volta dos 30 anos, em S. Pedro de Alvito, contrastam com os escassos 25 anos de S. Pedro de Poiares. Reparemos depois na constância de comportamento do Couto do Mosteiro, com idades muito elevadas também ao primeiro casamento feminino, a justificar, em parte, a estabilidade dos baptizados no século XVIII.

Reparemos que, para as gerações nascidas entre os séculos XVI e XVII no Baixo Minho, as idades médias ao casamento nos dois sexos se colocam muito próximas, sobrepondo-se mesmo claramente a anterioridade do casamento masculino em alguns casos. Em nenhuma outra zona observada tal situação se verifica. É de admitir que o mercado matrimonial, afectado pelo maior mobilidade dos homens, seja aos mesmos mais favorável.

A observação dos valores de celibato definitivo, para os dois sexos (QUADRO VII) mostra bem as dificuldades relativas no mercado matrimonial.

Notamos as enormes dificuldades de acesso ao casamento nas paróquias estudadas, num e noutro sexo, nas paróquias estudadas do Baixo Minho, mas também no Couto do Mosteiro. Uma particular acuidade deste fenómeno encontramos na zona de Barcelos. Em Santa Tecla de Basto, o acesso ao matrimónio parece mais facilitado, assim como em S. Pedro de Poiares.

Uma maior aproximação entre os comportamentos femininos e masculinos encontramos em S. Pedro de Poiares e Couto do Mosteiro. A distorção entre os sexos (muito visível em Santa Tecla) é uma constante de todas as observações para o Baixo Minho, o que aponta para a incidência na zona de uma mobilidade diferencial.

À falta de registos específicos, é particularmente difícil em Demografia Histórica o estudo do fenómeno da Mobilidade. No entanto, no caso de Ronfe, o cruzamento do ficheiro de indivíduos nascidos na paró-

QUADRO VI

Idade média ao primeiro casamento

Grupos de gerações

Paróquia		Homens	Mulheres
Guimarães			
Zona Rural	(1590-1769)	26,5	26,7
Ronfe	(1680-1749)	27,8	27,6
	(1750-1799)	27,0	26,8
Lordelo	(1680-1739)	—	27,1
	(1740-1789)	—	26,9
Fafe			
Santa Eulália Antiga	(antes de 1750)	27,7	24,9
Celorico de Basto			
Santa Tecla	(1623-1799)	27,3	26,3
Barcelos			
S. Pedro de Alvito	(1617-1699)	27,8	29,9
	(1700-1799)	26,4	31,0
Barcelinhos	(1660-1739)	27,4	26,7
	(1740-1799)	25,7	24,9
Esposende			
Belinho	(1700-1799)	27,1	27,6
Braga			
Aveleda	(1580-1679)	25,0	29,7
	(1680-1779)	28,2	27,5
Trás-os-Montes (Freixo)			
Poiares	(1680-1749)	27,3	24,6
	(1750-1799)	25,5	24,6
Beiras (Viseu)			
Couto do Mosteiro	(1680-1749)	28,3	28,2
	(1750-1799)	29,5	28,2
França¹⁶			
<i>Média ponderada</i>	(anterior a 1750)	—	24,6
	(1740-1790)	—	26,0
Inglaterra¹⁷			
<i>Média ponderada</i>	(anterior a 1750)	—	25,0
	(1740-1790)	—	25,3

16. MICHAEL W. FLINN, *ob. cit.*, pp. 151-152.17. *Ibidem*, pp. 154-155.

QUADRO VII

Celibato definitivo

Paróquia	Homens	Mulheres
Guimarães		
Ronfe (1700-1789)	15 %	28 %
Celorico de Basto		
Santa Tecla (1680-1799)	2 %	15 %
Barcelos		
S. Pedro de Alvito (1623-1749)	37 %	49 %
Barcelinhos (1680-1789)	33 %	45 %
Braga		
Aveleda (1680-1779)	15 %	24 %
Trás-os-Montes (Freixo)		
Poiares (1700-1789)	9 %	15 %
Beiras (Viseu)		
Couto do Mosteiro (1680-1759)	18 %	25 %

quia em famílias legítimas¹⁸ com as listas anuais de residentes maiores de sete anos, constituídas pelos *róis de confessados*, possibilitou-nos uma aproximação ao problema, pelo acompanhamento dos indivíduos nascidos entre 1740 e 1789.

18. As dificuldades no acompanhamento dos filhos ilegítimos, por deficiente identificação das mães solteiras, dada a grande frequência de homónimos e a frequente ausência de apelidos no sexo feminino, aliada à instabilidade de de residência, levou-nos a só considerar os filhos legítimos.

QUADRO VIII

Afastamento definitivo das gerações de filhos legítimos nascidas em Ronfe (1740 a 1789)

	N.º Inicial	Faleceram na paróquia				Saíram da observação	
		< 7 anos		> 7 anos			
		n.º	%	n.º	%	n.º	%
Homens	406	94	23	153	38	158	39
Mulheres	406	109	27	156	38	141	35

Pelo QUADRO VIII verificamos que, em relação aos nascidos, 39 % dos indivíduos do sexo masculino e 35 % do sexo feminino não faleceram na freguesia. Se considerarmos as percentagens, em relação aos sobreviventes aos 7 anos, os valores colocam-se, respectivamente, nos 51 % e nos 47 %. Sabendo que as saídas na paróquia não eram compensadas por entradas¹⁹, pensamos nas dificuldades de sobrevivência de uma população em que a morte é suave e em que a fecundidade é naturalmente elevada. As restrições nos campos da Nupcialidade, tanto por um casamento tardio, como por um celibato definitivo frequente não seriam de molde a condicionar o equilíbrio da população com os recursos disponíveis. A saída de jovens impunha-se e a idades muito precoces, como teremos oportunidade de verificar.

Inês Faria, para Barcelinhos, estimou, para as gerações nascidas entre 1680 e 1749, uma oscilação de saídas entre os 43 % e os 50 %, para o sexo masculino e entre os 27 % e os 43 %, para o sexo feminino, valores mais elevados ainda do que os estimados para Ronfe. Note-se, contudo, que as saídas, eram em parte compensadas pela entrada de indivíduos nascidos fora, dada a grande exogamia destas paróquias²⁰ e, no caso de Barcelinhos, a situação de zona suburbana de Barcelos.

19. Em 1446 indivíduos falecidos em Ronfe, entre 1750 e 1859, encontramos 258 não naturais, o que dá uma percentagem de 18 %.

20. A percentagem de residentes não naturais em S. Mateus, entre 1770 e 1799, não ultrapassou os 4 %.

QUADRO IX

**Saídas definitivas das gerações de filhos legítimos
nascidos em Ronfe entre 1740 e 1789**

Grupos de idades

	n.º inicial	Saídas definitivas					
		< 20 anos		20-24 anos		> 35 anos	
		n.º	%	n.º	%	n.º	%
Homens	406	86	21	41	10	31	8
Mulheres	406	48	12	60	15	33	8

No entanto, aprofundando a situação de saída, encontramos, para Ronfe, uma percentagem muito elevada de jovens, menores de 20 anos, que abandonam definitivamente a paróquia, o que faz arredar, para eles, motivações decorrentes do mercado matrimonial.

Como se verifica, a maior percentagem de ausências deu-se antes dos 20 anos no sexo masculino, embora, no sexo feminino, seja ainda significativa a percentagem de ausências antes da idade núbil. Se considerarmos apenas o afastamento do agregado de origem e não as saídas definitivas, verificamos que 42 % dos 312 sobreviventes aos 7 anos, do sexo masculino, saem do seu agregado de origem antes dos 20 anos, sendo a maior incidência de saídas no grupo dos 10 aos 14 anos. No sexo feminino, são 26 % das sobreviventes à mesma idade que saem de casa antes dos 20 anos, também com maior incidência no grupo dos 10 aos 14 anos. Aumentando a dimensão da família, os casais com fracos recursos não teriam possibilidade de manter no lar os filhos com alguma capacidade de por si angariarem sustento.

Numa situação de grande instabilidade familiar, particularmente nas famílias de menores recursos, em que os filhos são obrigados a abandonar a casa de origem logo que atinjam uma idade mínima para poderem angariar algum sustento, com uma relação de masculinidade alterada pela mobilidade diferencial, é de admitir também comportamentos desviados no plano da fecundidade.

QUADRO X

Filiação ilegítima

Paróquia		Percentagem
Guimarães		
Norte (11 paróquias) ²¹	(1610-1660)	22 %
	(1660-1759)	15 %
	(1760-1799)	11 %
Ronfe	(1680-1749)	15 %
Lordelo	(1750-1799)	12 %
	(1624-1660)	24 %
	(1661-1710)	16 %
	(1711-1760)	10 %
Fafe		
Santa Eulália Antiga	(antes de 1750)	19 %
Celorico de Basto		
Santa Tecla	(1623-1799)	19 %
Barcelos		
S. Pedro de Alvito	(antes de 1750)	13 %
	(1750-1799)	11 %
Barcelinhos	(1606-1729)	6 %
	(1730-1789)	6 %
Esposende		
Belinho	(1623-1699)	5 %
	(1700-1749)	8 %
Braga		
Aveleda	(1580-1699)	7 %
	(1700-1759)	5 %
Trás-os-Montes (Freixo)		
Poiares	(1680-1749)	5 %
	(1750-1799)	9 %
Beiras (Viscu)		
Couto do Mosteiro	(1680-1749)	6 %
	(1750-1799)	5 %
França ²² ou Inglaterra ²³		
Média ponderada	(anterior a 1750)	3 %
	(1740-1790)	4 %

21. ANTÓNIO AUGUSTO AMARO DAS NEVES, *Filhos das Ervas. A ilegitimidade no Norte de Guimarães (séculos XVI a XVIII)*, tese de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1996.

22. MICHAEL W. FLINN, *ob. cit.*, p. 167.

23. *Ibidem*, p. 168.

Como se depreende pelos valores do QUADRO VIII, em Portugal as percentagens de filhos nascidos fora do casamento atingem níveis significativamente elevados, se comparadas com as observações para países como Inglaterra ou França.

No entanto, parece demarcar-se uma região particularmente afectada por este comportamento: o concelho de Guimarães, com extensão a Fafe e Terras de Basto. Repare-se que valores próximos de 20 % de filhos ilegítimos só os encontramos nessa região. À excepção de S. Pedro de Alvito, que atinge os 13 %, todas as outras paróquias observadas apresentam valores inferiores a 10 %.

Já havíamos antes admitido que a zona de Guimarães se apresentaria como uma sub-região no Baixo Minho, no que respeita à fecundidade legítima, a estender-se na direcção das Terras de Basto. O comportamento no plano da fecundidade fora do casamento parece vir confirmá-lo.

As populações de Antigo Regime lutariam por um equilíbrio que lhes permitisse a sobrevivência nas condições herdadas. No entanto, no *velho* Continente, antes da proto-industrialização, a Mortalidade podia ou não funcionar como travão eficaz ao crescimento desordenado a que uma fecundidade não controlada podia conduzir.

No Baixo Minho, uma mortalidade suave em todas as idades e uma fecundidade relativamente elevada conduziriam, de uma geração para outra, a um desequilíbrio insustentável, não fôra o travão voluntariamente assumido pelo casamento tardio e celibato definitivo frequente, não fôra, principalmente, a saída massiva de jovens antes da idade núbil. Os comportamentos desviantes no plano da fecundidade seriam reflexo dessa instabilidade familiar.

Bibliografia

- AMARO DAS NEVES, António Augusto, *Filhos das Ervas. A ilegitimidade no Norte de Guimarães (séculos XVI a XVIII)*, tese de Mestrado em História das Populações, policopiada, Universidade do Minho, 1996.
- AMORIM, Maria Norberta (coord), *Informatização Normalizada de Arquivos. Reconstituição de paróquias e História das Populações. Um projecto interdisciplinar*, Universidade do Minho, 1995.
- AMORIM, Maria Norberta e LIMA, Luís, «Demografia Histórica e Micro-Informática. Uma experiência sobre uma paróquia açoriana», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 1986, pp. 191-209.

- AMORIM, Maria Norberta, «Reconstituição de paróquias e estudo das migrações internas. O caso de uma paróquia minhota no Antigo Regime», *I Conferência Europeia «Migraciones Internas»*, CIDH, Santiago de Compostela, 1993, vol. II. pp. 293-308.
- AMORIM, Maria Norberta, «S. Pedro de Poiares e a sua população de 1561 a 1830», *Brigantia*, Bragança, 1983-1984.
- AMORIM, Maria Norberta, «Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses», *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, 1991, IX-1.
- AMORIM, Maria Norberta, *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 1992.
- AMORIM, Maria Norberta, *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico*, JNICT, Lisboa, 1987, pp. 227-272.
- AMORIM, Maria Norberta, *Rebordãos e a sua População nos séculos XVII e XVIII. Estudo Demográfico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
- BARBOSA, Maria Hermínia Vieira e OLIVEIRA, Alberto José da Cunha, «Reconstituição de Paróquias e aprofundamento dos estudos de mortalidade», *Actas do II Congresso Histórico de Guimarães*, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1997, vol 7, p. 258.
- CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues, «A Fecundidade Legítima em duas comunidades do Minho Interior, século XVII-século XX», in MARIA NORBERTA AMORIM (org.), *Microanálise de larga duração, IV Congresso da ADEH*, Bilbao, 1995.
- CARVALHO, Elza Maria Gonçalves Rodrigues, *Espaço Rural em Basto (Santa Tecla). Passado, Presente e Futuro*, Dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997.
- DUPÂQUIER, J., «Demografia Histórica e História Social», in MARIA LUIZA MARCÍLIO (org.), *População e Sociedade*, Vozes, Petrópolis, 1984, pp. 47-68.
- EIRAS ROEL, António, «La migration dans les systèmes d'autorégulation: mobilité, migrations, régulation démographique dans l'Espagne moderne», in ALAIN BIDEAU (Dir.), *Les systèmes démographiques du passé*, Centre Jacques Cartier, 1996.
- FARIA, Inês Martins, *Santo André de Barcelinhos: o difícil equilíbrio de uma população (1606-1910)*, dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997.
- HENRY, Louis, *Demografia*, Labor, Barcelona, 1976.
- HENRY, Louis, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, Lisboa, Gradiva, 1988.
- JANEIRO, José Adriano Soares Guerra, *Gerações sacrificadas. A população e a Sociedade de S. Tiago de Lordelo (séculos XVII a XX)*, dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997.
- LOBO, M. Marta Lobo, *O Pico de Regalados e a sua população, 1554-1879*, tese de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1992.
- LOBO, Marta e MIRANDA, Fernando «Evolução da fecundidade em duas paróquias minhotas — Uma perspectiva comparada», in DAVID REHER (coord.), *Reconstituição de famílias*

e outros métodos microanalíticos para a História das Populações. Estado actual e perspectivas para o futuro, Actas do III Congresso da ADEH, Braga-Guimarães, Edições Afrontamento, 1995, p. 67.

MIRANDA, Fernando António da Silva, *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro e Anexa (1567-1898)*, Junta de Freguesia de Alvito S. Pedro, Barcelos, 1993.

PRESSAT, Roland, *Introducción a la Demografía*, Barcelona, Ariel, 1985.

SARAIVA, Manuel da Costa, *Igreja e comunidade. O caso de Belinho entre os séculos XVII e início do XX*, dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1998.

SILVA, Maria Manuela Teixeira Ferreira, *Comportamentos demográficos de uma paróquia do concelho de Braga. Santa Maria de Aveleda (1580-1993)*, dissertação de Mestrado em História das Populações, Universidade do Minho, 1997.